

ATUAÇÃO DOS PROFESSORES JUNTO A ALUNOS DISLÉXICOS EM SALA DE AULA

Kamilla Gimenes Proto Diamantino

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: kamillagimenes2013@gmail.com)

Luzinete Rosa da Silva Cruz

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: luzinete781@gmail.com)

Nagiane Vidal Teixeira

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: nagianevidalteixeira27@gmail.com)

Simone Pereira de Oliveira Azambuja

Orientador(a) do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: simoneazambuja@yahoo.com.br)

RESUMO

A Dislexia é um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurobiológica, que se caracteriza pela dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e na soletração. Estas dificuldades, em geral, resultam de um déficit do componente fonológico da linguagem e são inesperadas e incompatíveis com a idade e inteligência. Ensinar é função do educador, por isto, o presente estudo teve por objetivo conhecer as estratégias de trabalho adotada pelos professores que se mostram eficazes para promover o aprendizado do aluno portador de dislexia. Para tanto, buscou-se conceituar a dislexia e caracterizar seus critérios diagnósticos e tratamento, assim como compreender as dificuldades que envolvem o aprendizado destes alunos, no tocante à leitura e escrita, por meio de uma pesquisa bibliográfica, baseada na coleta de informações a respeito do tema proposto disponíveis na literatura, em revistas, livros, monografia e teses.

Palavras-chaves: Transtorno. Estratégias. Ensino-aprendizagem.

TEACHERS PERFORMANCE BEFORE DYSLEXIC STUDENTS IN THE CLASSROOM

ABSTRACT

Dyslexia is a specific learning disorder, of neurobiological origin, which is characterized by difficulty in accurate and/or fluent word recognition, decoding and spelling skills. These difficulties, generally, result from a deficit in the language phonological and are unexpected and incompatible with age and intelligence. Teaching is the educator role,

therefore, the present research aimed to know the work strategies adopted by teachers that are effective in promoting the students learning with dyslexia. Therefore, we searched to conceptualize dyslexia and characterize its diagnostic and treatment criteria, as well as to understand the difficulties involved in the learning of these students, regarding reading and writing, through a bibliographic research, based on the information collection about of the proposed theme available in literature, magazines, books, monographs and theses.

Keywords: Disorder, strategies, teaching learning.

1 INTRODUÇÃO

Considera-se a dislexia como um transtorno de aprendizagem da leitura, consistente numa dificuldade para compreender o que se lê. Por isto, é necessário que os envolvidos no ambiente escolar conheçam mais sobre o assunto, uma vez que podem existir inúmeros alunos em sala de aula que apresentem o problema e não possuem um diagnóstico, de modo que não são tratados, do ponto de vista educacional, da forma adequada para seu desenvolvimento acadêmico. Ademais, os problemas de aprendizagem relativos à dislexia, podem ser confundidos com as dificuldades particulares ao processo natural de desenvolvimento da criança.

Os professores necessitam desenvolver estratégias específicas para trabalhar com crianças portadoras de transtornos peculiares de aprendizagem. Portanto, é necessário que os educadores tenham conhecimento sobre o assunto e repensem as dificuldades de aprendizagem que o estudante possa ter. As instituições escolares precisam analisar quais fatores interferem no andamento do aprendizado e no seu rendimento. O aluno que aprende rápido impressiona pela “facilidade”, de modo que se aproveita de suas experiências para responder aos mais diversos problemas do cotidiano. Outros, porém, precisam “esforçar-se” para compreender o conteúdo.

Um conhecimento é aproveitado nos casos em que o educador sabe maximizar as capacidades individuais. Quando uma tarefa é absurdamente difícil, o aluno pode se sentir incapaz e desistir. Já nas situações em que a tarefa é muito fácil, ele também pode não se sentir instigado a se esforçar mais e mais. Os incentivos decorrem do processo de aprendizado e devem ocorrer no momento da construção do conhecimento, o que é diferente para cada um. Por isto, torna-se um verdadeiro desafio trabalhar com as diferenças, principalmente em grupos nos quais alunos

interagem e, conseqüentemente, trabalha-se o potencial cognitivo e o nível de motivação pessoal.

Diante da complexidade do tema dislexia, surge a necessidade de saber como trabalhar em sala de aula com alunos portadores diagnosticados com este transtorno ou, até mesmo, com aqueles que apresentam dificuldades, mas ainda não possuem o diagnóstico. Assim, a realização deste estudo pretendeu trazer considerações relevantes sobre o processo de ensino/aprendizagem de crianças com transtornos de leitura, com foco na dislexia.

O presente artigo teve por objetivo conhecer as estratégias de trabalho passíveis de adoção pelos professores a fim de promover um aprendizado eficaz do aluno portador de dislexia. Buscou-se caracterizar o citado transtorno, trazer conceitos, critérios do diagnóstico e tratamento, além de compreender as dificuldades que envolvem o aprendizado dos alunos, em especial quanto à leitura, escrita e cálculo, bem como identificar os desafios enfrentados pelos professores no que diz respeito ao ensino dos alunos com dislexia em sala de aula. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, embasada na coleta de informações a respeito do tema proposto disponíveis na literatura, dispostas em revistas, livros, monografia e teses.

2 CARACTERÍSTICAS DA DISLEXIA

2.1 Conceito

A dislexia é uma falha do Sistema Nervoso Central, onde a criança tem dificuldade em anexar as letras e formar palavras, bem como de comparar os sons das sílabas formadas, ou seja, decodificar e codificar. Em virtude disto, também é conhecida como o transtorno “do desenvolvimento” do sistema cerebral, responsável pelo processamento fonológico. É comum perceber-se a dislexia no início da escolarização, embora se manifeste como uma perda na habilidade de leitura e escrita (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (2019, citado por SILVA; MELO, 2020, p. 116/117), tem-se por definição de dislexia:

[...] um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita soletração, a dislexia é o distúrbio de maior incidência em sala de aula. [...]. Ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não é resultado de má

alfabetização desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda atuações no padrão neurológico.

No conceito acima, verifica-se que a dislexia não resulta de uma deficiência no ensino. Ou seja, trata-se de uma confusão ocasionada pela má formação genética, que gera problemas para desenvolver a escrita no decorrer da sua formação escolar. Deuschle e Cechella (2009) explicam que a criança portadora da dislexia possui dificuldades em formar sílabas e palavras.

A dislexia é descrita pelos pesquisadores como uma dificuldade no processo de aprendizagem da leitura e escrita, principalmente caracterizada pelas trocas e omissões de grafemas, além de confusão entre letras e omissão de letras e/ou sílabas. Quanto maior a “individualidade” do aluno, mas ele se distancia da norma padrão de escrita. Os conceitos de normalidade e patologia estão ligados às relações sociais e de poder (MASSI; SANTANA, 2011).

Ressalta-se que a dislexia é o transtorno de aprendizagem mais prevalente na escola, bem como acredita-se que seja mais frequente em meninos. Os transtornos de leitura e de escrita atingem, de forma grave, até 10% das crianças em idade escolar. Se forem considerados também os transtornos leves, este percentual chega a 25% (PIÉRART, 1997).

Há teorias cognitivas da dislexia que relatam alteração na percepção de fala. Dentre elas, a teoria fonológica é a mais presente, segundo a qual este transtorno leva a criança a ter danos na memorização e na rememoração de sons falados/executados. Com base nesta teoria, existem três tipos de dislexia: a *Dislexia Auditiva*: o indivíduo apresenta dificuldade de assimilar grafema-fonema e tem problema no momento de leitura e escrita. a *Dislexia Visual*: a pessoa confunde letras parecidas com sons semelhantes e inverte letras, além de ter dificuldade na alteridade; e a *Dislexia Mista*: o indivíduo tem problema com a análise fonética das palavras, a exemplo da compreensão de letras e das palavras completas (SEABRA et al., 2014).

Desta forma, o professor deve se atentar para o fato de que o aluno com dislexia necessita de conhecimento da leitura e depende do desempenho e integração de muitos processos cognitivos. Ademais, precisa do apoio direcionado de um professor auxiliar, que possua habilidades e competências voltadas para crianças com dificuldades de aprendizagem, de forma a respeitar as limitações, potencialidades e, acima de tudo, os direitos do cidadão.

2.2 Causas da dislexia

Segundo Frith (1997), os mecanismos que levam à dislexia ainda não são perfeitamente conhecidos. A dislexia é resultado da interação entre fatores biológicos (ex.: genéticos), cognitivos (processamento fonológico) e ambientais (ex.: exposição às toxinas ou baixa qualidade da nutrição da mãe durante a gestação), o que acaba por interferir no desenvolvimento cerebral. Num segundo momento, estas falhas no desenvolvimento neurológico são capazes de ocasionar alterações no funcionamento cognitivo. Já num terceiro momento, é possível que tais modificações no funcionamento cognitivo gerem padrões alterados de desempenho. Por fim, a resposta da criança diante deste quadro (se irá desenvolver dislexia ou não) dependerá de fatores como motivação, relações afetivas, habilidades intelectuais gerais, idade, condições sociais, tipo de ortografia e de instrução à qual a criança está exposta. Por exemplo, um indivíduo que apresenta o mesmo risco que outro de desenvolveu dislexia, ao ser exposto a uma ortografia alfabética (como o português), tem grandes possibilidades de não apresentar um quadro disléxico se for submetido a uma ortografia como o chinês, visto que, em tal ortografia, o processamento visual (e não fonológico) é predominante.

Shastry (2007) declara, em relação aos aspectos genéticos, que há fortes evidências de que a dislexia se deve, ao menos em parte, às influências genéticas. Corroborando com isto, estudos recentes sugerem que o risco de dislexia é de 40% em familiares de primeiro grau (filhos ou irmãos). Em relação aos aspectos neurológicos, diversos estudos mostram alterações cerebrais em indivíduos disléxicos (HYND; HIEMENZ, 1997) e outros revelam que estes sujeitos, quando leem, utilizam áreas cerebrais incomuns às pessoas que não têm problemas de leitura.

Diante do exposto, mostra-se necessário que o educador tenha um mínimo de conhecimento sobre que é a dislexia, suas características e, principalmente, acerca dos sinais que podem indicar dislexia, pois o professor está num ambiente propício para a identificação destes sinais.

2.3 Sinais que podem indicar dislexia e avaliação

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) destaca que a dislexia está inserida numa categoria denominada Transtorno Específico de

Aprendizagem. O DSM-5 orienta que é preciso levar em consideração a presença de, pelo menos, um dos seguintes sintomas para identificação da dislexia:

1. Leitura de palavras feita de forma imprecisa ou lenta, demandando muito esforço (ex.: lê palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta ou lenta e hesitante, frequentemente advinha palavras, tem dificuldades de soletrá-las).
2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido (ex.: pode ler o texto com precisão, mas não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido).
3. Dificuldade para ortografar (ou escrever ortograficamente) (ex.: pode adicionar, omitir ou substituir de vogais e consoantes);
4. Dificuldade com a expressão escrita (ex.: comete múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprega organização inadequada de parágrafo; expressão escrita das ideias sem clareza). [...] (APA, 2014, p. 66).

Ilanhez e Nico (2004) completa o quadro, ao afirmar que os disléxicos podem manifestar dificuldade com a coordenação motora fina e grossa, com o processamento auditivo, a coordenação visoespacial, discalculia, disgrafia, disnomia e a memória de curto prazo. Mousinho (2009), semelhantemente, afirma que a dislexia afeta o avanço da escolaridade e as alterações da escrita, de forma que prejudica a fala (gera atraso, pronúncia errada e/ou fala infantilizada), a compreensão de símbolos, operações matemáticas, separação de sílabas, adivinhação de palavras, lembrança de letras ou músicas com rimas e, principalmente, ocasiona dificuldade em aprender a ler e escrever e realizar leitura em voz alta (entrecortada e sem entonação).

Segundo Estanislau e Bressan (2014), há alguns sinais que indicam a necessidade de avaliação da dislexia em diferentes fases escolares, sendo eles:

➤ Em crianças pré-escolares:

- Frases confusas, com migrações de letras: "A gata preta prendeu o filhote" em vez de "A gata preta perdeu o filhote";
- Uso excessivo de palavras substitutas ou imprecisas (como "coisa", "negócio");
- Nomeações imprecisas (como "helóptero" para "helicóptero"). Dificuldade para lembrar de nomes de cores e objetos;
- Confusão no uso de palavras que indicam direção, como dentro/fora, em cima/embaixo, direita/esquerda;
- Tropeços, colisões ou quedas frequentes;
- Dificuldade em aprender cantigas infantis com rimas;

- Dificuldade em encontrar palavras que rimam e julgar se as palavras rimam ou não;
- Dificuldade com sequências verbais (como dias da semana) ou visuais (como sequências de blocos coloridos);
- Aptidão para brinquedos de construção ou técnicos (lego, controle remoto, teclados, de computadores). Prazer em ouvir outras pessoas lendo para ela, mas falta de interesse em conhecer letras e palavras;
- Discrepância entre diferentes habilidades, de forma que parece uma criança brilhante em alguns aspectos, mas desinteressada em outros.
 - Em crianças escolares de até 9 anos:
 - Dificuldade especial para aprender a ler e escrever;
 - Dificuldade para aprender o alfabeto, as tabuadas e sequências verbais (como meses do ano);
 - Confusão de letras com sons semelhantes ("b" com "p");
 - Confusão de letras com grafia semelhante ("m" com "n", "u" com "V").
 - Omissão de letras ("criaça" por "criança");
 - "Chuta" o que está lendo, de forma que leva em conta apenas o início da palavra;
 - Não lembra de assinalar letras maiúsculas;
 - Dificuldade de separar uma palavra falada em sílabas e identificar fonemas (ex.: não conseguir identificar qual palavra [pato, cola e barro] inicia com o mesmo som de "bola");
 - Dificuldade com lateralização (direita e esquerda). Reversão de letras e números (15-51; b-d);
 - Frustração crescente, o que pode levar a problemas comportamentais;
 - Melhores resultados em testes orais. Tendência a ler sem fluência ou sem compreensão.
- Em adolescentes e adultos:
 - Leitura sem entonação ou fidelidade à pontuação;
 - Pronúncia com trocas e omissões em palavras mais longas ("lisumine" por "limusine");
 - Confusão de palavras que soam parecidas ("vaca" com "faca");
 - Escrita incorreta, com falta de letras ou na ordem errada;

- Maior tempo que a média para conseguir terminar trabalhos escritos;
- Dificuldade com planejamento e organização de trabalhos escritos;
- Má soletração;
- Dificuldade na cópia da lousa ou de livros;
- Tendência a confundir instruções verbais, números de telefone, etc.;
- Dificuldades severas no aprendizado de línguas estrangeiras;
- Crescente perda da autoconfiança, frustração e baixa autoestima.

Seabra et al. (2014) ressaltam que a avaliação de um aluno com suspeita de dislexia é feita, geralmente, por meio do diagnóstico clínico, após os 6 ou 7 anos de idade. Frequentemente a primeira pessoa a suspeitar é o professor.

Os professores geralmente são os primeiros a observar as dificuldades da criança disléxica nas fases iniciais da alfabetização, porém, a falta de conhecimento necessário sobre o transtorno inviabiliza a condução da situação de forma a tornar menos árduos o enfrentamento das dificuldades da aprendizagem (TABAQUIM et al., 2016, p. 131).

A hipótese fonológica sobre a dislexia se baseia no reconhecimento de um déficit no processo fonológico. Esta deficiência influi diretamente na mecânica da leitura e não se vincula de forma direta à compreensão leitora. Os pesquisadores que estudam a dislexia e suas formas de intervir sustentam a necessidade de determinar o nível funcional da leitura, seu potencial e capacidade, a extensão da deficiência, as deficiências específicas na capacidade de leitura, a disfunção neuropsicológica, os fatores associados e as estratégias de desenvolvimento e recuperação para a melhoria do processamento neuropsicológico e para a integração das capacidades perceptivo-linguísticas (DEUSCHLE; CECHELLA, 2009).

A Avaliação qualitativa abrange entrevistas com os responsáveis e com a criança, bem como análise de relato e de registros escolares. Deve incluir a observação de sinais que podem indicar dislexia, porém tais sinais não são definitivos para o diagnóstico, ou seja, a criança que os apresenta não é necessariamente uma criança disléxica. A princípio, história familiar de dificuldades para ler e escrever (sobre tudo entre os pais ou irmãos) e dificuldade para começar a falar de maneira inteligível são fatores de risco que devem ser avaliados em todas as pessoas com suspeita de dislexia.

A Avaliação quantitativa analisa os aspectos específicos da leitura e da escrita verificando a integridade das três estratégias, bem como outras habilidades cognitivas relevantes. Para tanto, podem ser usados instrumentos padronizados, como a prova de consciência fonológica por Produção Oral (Seabra; Capovilla, 2012), a prova de leitura em voz (Seabra; Capovilla, 2011) e o teste de competência de leitura de palavras Pseudopalavras (Seabra; Capovilla, 2010b) e o teste desempenho escolar

(Stein, 1994) e o Confias – Consciência Fonológica Instrumento de Avaliação Sequencial (Moojen et al., 2003), entre outros (SEABRA et al., 2014, p. 194).

Sendo assim, o diagnóstico preciso e com antecedência da dislexia no aluno favorecerá o planejamento do professor, a fim de que o educando seja acolhido de forma correta pelos demais indivíduos, além de favorecer o tratamento precoce.

2.5 Tratamento

Para o tratamento da dislexia, é necessária uma equipe interdisciplinar, composta por pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, a qual é essencial não apenas para o convívio, mas, também, pelas dificuldades para associar símbolos e letras ao som que as representam. Quanto mais cedo descobrir a dislexia, melhor será, pois evitará rótulos depreciativos no usuário, assim como as dificuldades com colegas na escola, constrangimento no trabalho, relacionamentos com amigos, parceiros ou a com a família (GARCIA et al., 2016).

O tratamento está centrado na reeducação da linguagem escrita, abordando todos os aspectos envolvidos. O profissional de fonoaudiologia ou de psicopedagogia, treinado para trabalhar com transtorno específico da linguagem escrita, parte de um diagnóstico completo, necessário para que seja feito um planejamento para cada etapa seguindo uma cronologia adequada (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2016, p.144).

A vista disto, é importante o intermédio de um Psicopedagogo, que propiciará à criança o reconhecimento das palavras. O envolvimento do infante é muito importante para que o tratamento tenha resultados positivos, pois este precisa ser instigado para que a consciência fonológica seja guardada na mente. Por intermédio da leitura e da escrita de textos imaginativos, poderá assimilar a imagem à ortografia (FREITAS; CORSO, 2016).

Assim como o diagnóstico, o tratamento pode caracterizar-se como multidisciplinares e interdisciplinares, de forma que poderão questioná-los no momento correto (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2016).

Após a identificação da dislexia, o professor precisa ter o conhecimento necessário para não rotular o aluno, de modo a conhecer suas dificuldades e, acima de tudo, reconhecer suas habilidades. O entendimento sobre estratégias eficientes se

faz importante para o bom desempenho do professor e do aluno durante o ensino, no que diz respeito à aprendizagem.

2.6 Estratégias de trabalho com alunos disléxicos em sala de aula

Conforme previsto na Lei n. 14254, de 30 de novembro de 2021, que institui o acompanhamento integral para educandos com dislexia, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem:

Art. 1º. O poder público deve desenvolver e manter programa de acompanhamento integral para educandos com dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem.

Parágrafo único. O acompanhamento integral previsto no caput deste artigo compreende a identificação precoce do transtorno, o encaminhamento do educando para diagnóstico, o apoio educacional na rede de ensino, bem como o apoio terapêutico especializado na rede de saúde.

Art. 2º. As escolas da educação básica das redes pública e privada, com o apoio da família e dos serviços de saúde existentes, devem garantir o cuidado e a proteção ao educando com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem, com vistas ao seu pleno desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, com auxílio das redes de proteção social existentes no território, de natureza governamental ou não governamental.

Art. 3º. Educandos com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem que apresentam alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita, ou instabilidade na atenção, que repercutam na aprendizagem devem ter assegurado o acompanhamento específico direcionado à sua dificuldade, da forma mais precoce possível, pelos seus educadores no âmbito da escola na qual estão matriculados e podem contar com apoio e orientação da área de saúde, de assistência social e de outras políticas públicas existentes no território.

Art. 4º. Necessidades específicas no desenvolvimento do educando serão atendidas pelos profissionais da rede de ensino em parceria com profissionais da rede de saúde.

Parágrafo único. Caso seja verificada a necessidade de intervenção terapêutica, esta deverá ser realizada em serviço de saúde em que seja possível a avaliação diagnóstica, com metas de acompanhamento por equipe multidisciplinar composta por profissionais necessários ao desempenho dessa abordagem.

Art. 5º. No âmbito do programa estabelecido no art. 1º desta Lei, os sistemas de ensino devem garantir aos professores da educação básica amplo acesso à informação, inclusive quanto aos encaminhamentos possíveis para atendimento multissetorial, e formação continuada para capacitá-los à identificação precoce dos sinais relacionados aos transtornos de aprendizagem ou ao TDAH, bem como para o atendimento educacional escolar dos educandos.

Art. 6º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (BRASIL, 2021).

A dislexia traz como consequência dificuldades na leitura e na escrita das crianças. Além disto, é necessário ensinar os disléxicos de forma explícita e sistemática, para construir representações abstratas e precisas da fala. Para atingir a

fluência em leitura e, conseqüentemente, compreender o texto, é preciso que a criança seja sistematicamente levada a automatizar o reconhecimento de traços (PINHEIRO; CABRAL, 2017).

Soares (2007, p. 15) destaca que:

O processo de alfabetização, no contexto formal de ensino da escola, é a aquisição e o domínio das habilidades básicas de leitura e escrita, isto é, que alfabetizar no sentido específico do trabalho pedagógico, realizado em sala de aula, é dominar habilidades de ensinar a ler e escrever, ou seja, decodificar a língua escrita em linguagem.

Garcia et al. (2016) apontam algumas medidas para lidar com alunos disléxicos na sala de aula, dentre as quais estão: estimular o aluno a recuperar a autoconfiança, de forma a valorizar o que gosta e o que faz bem; destacar os sucessos, não importa quão pequenos, e não os erros; valorizar o esforço e o interesse dos alunos; atribuir-lhes tarefas que possam fazê-los sentir-se úteis; evitar usar a frase “tente muito” ou similar, porque o que faz é o que é para agora; e respeitar o seu ritmo, pois a criança com dificuldades de linguagem tem problemas de processamento de informações.

Seabra et al. (2014, p.192-193) apresentam algumas estratégias a serem utilizadas em sala de aula para melhor desenvolvimento da leitura:

- Estratégias logográficas: é a primeira estratégia a se desenvolver na criança. Caracteriza-se pelo uso de pistas contextuais e não linguísticas, como cor, fundo e forma das palavras. A palavra é tratada como um desenho. Um exemplo é a leitura de rótulos comuns.
- Estratégias alfabéticas: com o desenvolvimento da rota fonológica, a criança passa a conhecer a correlação entre letras e fonemas (sons). Portanto, nessa etapa, a palavra não é mais tratada como um desenho, mas como um conjunto de letras ou sons que, unidos resultam em uma unidade maior (a palavra). É nesse momento que o leitor começa a ser capaz de converter o som em escrita (e vice-versa). Inicialmente, esse processo se dá sem entendimento do que se lê, pois a atenção e a memória estão muito voltadas para a decodificação de letras, sílabas e, posteriormente, palavras. No momento em que o indivíduo passa a fazer essa decodificação de maneira automática, ele começa a compreender o significado do que lê e está pronto para chegar à estratégia ortográfica.
- Estratégias ortográficas: essa estratégia caracteriza-se pelo processamento visual direto das formas ortográficas das palavras, portanto dispensa a necessidade de conversão fonológica para que o leitor relacione a palavra escrita diretamente ao seu significado.

O disléxico apresenta lentidão e problemas na identificação das palavras no momento da leitura. Estas dificuldades prejudicam bastante a memorização e a compreensão de muitas informações escritas e que necessitam ser aprendidas. Para

tanto, é preciso que o educador use estratégias para fixação e compreensão dos estudos pelo aluno. Caso seja necessário, deve reler as instruções várias vezes, pois cada criança possui seu tempo de compreensão do conteúdo e o aluno disléxico não é diferente (GARCIA et al., 2016).

As estratégias podem ser lúdicas e multissensoriais. As estratégias lúdicas são aquelas relacionadas às brincadeiras criadas individualmente ou estudadas em grupos: criar quizzes, imaginar situações engraçadas, criar piadas com os assuntos estudados, desenhar e cantar. A multissensorialidade aborda o uso de sentidos que o corpo do disléxico acentua mais forte, como a visão, a audição e os movimentos (músicas, poemas, filmes, experiências e visitas a locais) (OLIVEIRA, 2019).

Para Marques (2014, p.65):

O jogo é necessário ao nosso processo de desenvolvimento e assume uma função vital para o indivíduo, principalmente como forma de assimilação da realidade, além de ser culturalmente útil para a sociedade, como a expressão de ideais. Jogar é participar no mundo do faz de conta, dispor-se às incertezas e enfrentar desafios em busca de entretenimento e aprendizagem. A utilização do jogo na intervenção pedagógica é uma atividade que favorece a aprendizagem para a leitura e escrita de crianças com dislexia e com outras patologias. Os jogos, quando motivadores do processo de ensino - aprendizagem, eles podem ser definidos como jogos educativos.

Há três estratégias a serem usadas como intervenção em todos os transtornos de aprendizagem: acomodações: se referem às adaptações do meio ambiente às necessidades do indivíduo; modificações: relativas ao uso de recursos alternativos ou mudança de expectativas para aproximar ao máximo as exigências escolares do potencial do aluno; e remediações, que oferecem instruções voltadas às habilidades de que a criança dispõe, a fim de obter os melhores resultados. Acomodações e modificações oferecem mais tempo para trabalhos e avaliações que solicitem leitura, reduzem a quantidade de material a ser lido e fazem provas orais; e remediação: dois métodos de alfabetização são especialmente indicados para os indivíduos disléxicos: o multissensorial e o fônico (CHADHA, 2008).

O método multissensorial combina diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem escrita às crianças (MONTESSORI, 1948; NICO; GONÇALVES, 2008). Ao unir as modalidades auditiva, visual, cinestésica e tátil, este método facilita a leitura e a escrita, ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica da palavra), auditivos (a forma fonológica) e cinestésicos (os movimentos necessários para escrever aquela palavra).

A principal técnica deste método é o soletrar oral espontâneo, em que a criança inicialmente vê a palavra escrita, repete sua pronúncia fornecida pelo adulto e a escreve, dizendo o nome de cada letra. Ao fim, a criança lê novamente a palavra que escreveu. A vantagem desta técnica é fortalecer a conexão entre a leitura e a escrita. Algumas variantes do método multissensorial trabalham apenas com os sons das letras e não com seus nomes. Embora demande um tempo longo de intervenção, o método multissensorial é muito eficaz e, particularmente, adequado para crianças mais velhas, que já apresentaram fracasso escolar.

De acordo com Seabra e Capovilla (2010), o método fônico baseia-se na constatação experimental de que as crianças disléxicas têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular os sons da fala. Porém, é possível reduzir significativamente esta limitação com a introdução de atividades explícitas e sistemáticas de consciência fonológica, como identificação do fonema inicial (p. ex., entre várias figuras, selecionar aquelas cujos nomes começam com determinado som), rimas, segmentação fonêmica, entre outras. Quando associadas ao ensino das correspondências entre letras e sons, as instruções de consciência fonológica têm efeito ainda maior sobre a aquisição da leitura e da escrita. Além de ser um procedimento bastante eficaz para a alfabetização de crianças disléxicas, o método fônico também se mostra mais adequado ao ensino regular de crianças sem transtornos de leitura e escrita.

Diante das estratégias e deveres do professor, é necessário reconhecer o direito da criança portadora de dislexia no âmbito escolar, como uma forma de modificar a sociedade mais democrática. Da mesma maneira, a mudança das instituições de ensino em espaço de inclusão social é trabalho de todos que operam com a alma e o corpo das crianças especiais. Assim as dificuldades dos alunos serão atendidas pelos profissionais da instituição de ensino com a colaboração dos profissionais da área da saúde.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, embasada na coleta de informações disponíveis na literatura, em revistas, livros, monografia e teses, a respeito do tema proposto.

Segundo Lakatos e Marconi (2007), o conhecimento científico difere dos outros tipos por ter toda uma fundamentação e metodologias a serem seguidas, além de se basear em informações classificadas, submetidas à verificação, de modo que oferece explicações plausíveis a respeito do objeto ou evento em questão.

A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, constituído, principalmente, por livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico e internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, deve-se atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, de forma a observar as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, como um espaço de aprendizagem, é responsável pela formação, alfabetização e letramento dos alunos. Sendo assim, tem a função de adaptar os currículos escolares e desenvolver metodologias, objetivos, conteúdos e avaliações adequadas à necessidade de cada um.

É importante que o ambiente escolar seja planejado e estruturado, pois a escola é responsável pela inclusão e alfabetização dos disléxicos e pelas mudanças no projeto político pedagógico e no currículo escolar necessárias para este fim. É importante que o aluno consiga se adaptar a este meio, a fim de que ocorra o processo de letramento e superação das dificuldades dos alunos.

Desta forma, a escola pode prover tanto um prazeroso desenvolvimento na educação de uma criança disléxica, quanto sua repetência ou evasão, basicamente sob o argumento de que o indivíduo que apresenta as características da dislexia pode desistir facilmente da escola, caso não encontre uma ajuda indispensável, que assegure a sua aprendizagem e a sua existência no ambiente escolar.

O aluno com dislexia necessita, e tem direito garantido por lei, de tratamento e acompanhamento por uma equipe interdisciplinar, composta por pedagogo, psicopedagogo e psicólogo. Para o processo de letramento dos disléxicos, é necessário, ainda, um trabalho em conjunto do professor, direção da escola, equipe

pedagógica e médicos, em prol do desenvolvimento destas crianças, o que gera as mudanças necessárias e a adaptação à realidade dos disléxicos.

O professor é essencial no processo de letramento dos disléxicos, pois o seu papel é orientar, dar suporte e planejar atividades que proporcionem o desenvolvimento destas crianças, de maneira que elas consigam superar as dificuldades para serem letradas. Neste contexto, a função dos educadores no letramento dos disléxicos vai além de ensinar, pois tem que haver modificações, inovações, novas tecnologias para a sala de aula, e, acima de tudo, deve perceber o que os alunos têm a dizer. Assim, os disléxicos conseguiriam atingir os objetivos desejados na aprendizagem e alcançar o domínio da lecto-escritura.

Diante do exposto, para que garanta um trabalho pedagógico que concilie a necessidade da criança disléxica, é primordial que o docente tenha o conhecimento essencial para identificá-la. Assim, os diferentes tipos de transtornos de aprendizagem podem ser trabalhados estrategicamente, de forma que a construção do conhecimento seja motivada e planejada com antecedência, de forma a contribuir para o crescimento do educando, inclusive na relação com seus familiares.

REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Washington: APA, 2014.

GARCIA, Diego C. et al. **Lidando com as diferenças: dislexia**. Auriflamma-SP: Editora: Querer Saber, 2016.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei n. 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. **Diário Oficial da União**, 1 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2021/lei-14254-30-novembro-2021-792022-norma-pl.html>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

CHADHA, Anupriya. **Child Psychology**. New Delhi: New Delhi APH, 2008.

FREITAS, Clariane do Nascimento; CORSO, Helena Vellinho. A psicopedagogia na educação infantil: o papel das brincadeiras na prevenção das dificuldades de aprendizagem. **Revista de Psicopedagogia**, v. 33, n. 101, v. 33, p. 206-216, 2016.

DEUSCHLE, Vanessa Panda; CECHELLA, Cláudio. O déficit em Consciência Fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. **Revista CEFAC**, v.11, Supl2, 194-200, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rcefac/a/vDx8fPdvsqVpt9YGgTQy3JR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 set. 2022.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (Org.). **Saúde Mental na escola**: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014. p.190-198.

FRITH, Uta. Brain, mind and behaviour in dyslexia. In: HULME, Charles; SNOWLING, Margaret J. (Ed.). **Dyslexia**: biology, cognition and intervention. London: Whurr Publishers, 1997.

HYND, George W.; HIEMENZ, Jennifer R. Dyslexia and gyral morphology variation. In: HULME, Charles; SNOWLING, Margaret (Ed.). **Dyslexia**: biology, cognition and intervention. London: Whurr Publishers, 1997. p. 32-49.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Alegro, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARQUES, Daniela de Almeida. **O jogo no desenvolvimento da criança disléxica**. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 2014.

MASSI, Giselle; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades. **Pandeia**, Florianópolis-SC, v. 21, n. 50, p. 403-411, set./dez. 2011.

MONTESORI, Maria. **The discovery of the child**. Madras: Kalakshetra, 1948.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23 set. 2022.

MORAES, Roque; GALIAZZI Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru/SP, v. 12, n. 1, p. 117-128, abr. 2006.

MOUSINHO, Renata. Dislexia e Inclusão: Possibilidades de Adaptações Metodológicas e Avaliativas. In: LAMOGLIA, Aliny (Org.) **Temas em Inclusão: saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Synergia, 2009. p. 28-35.

MOUSINHO, Renata; CORREA Jane. O desenvolvimento do processamento fonológica e da leitura do 1º ao 4º ano do Ensino fundamental: implicações para a intervenção precoce. In: ALVES, Mendonça Luciana; MOUSINHO Renata, CAPELLINI, Aparecida Simone. (Org.). **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 13-28.

NICO, Maria Ângela N.; GONÇALVES, Aurea Stavale. **Facilitando a alfabetização multissensorial, fônica e articulatória**. 2. ed. São Paulo: Associação Brasileira de Dislexia, 2008.

OLIVEIRA, Daliane. **Avaliação, intervenção e diagnóstico dislexia**. Rio de Janeiro: PsiquEasy Software e Materiais, 2019.

PIÉRART, Bernadette. As dislexias do desenvolvimento: uma virada conceptual e metodológica nos modelos dos distúrbios de leitura na criança. In: GRÉGOIRE, Jacques; PIÉRART, Bernadette. (Ed.). **Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos diagnósticos e suas implicações diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 11-18.

PINHEIRO, Ângela Maria Vieira; CABRAL, Leonor Scliar. **Dislexia: causas e consequências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. 65p.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROTTA, Newra Tellechea; PEDROSO, Fleming Salvador. Transtornos da linguagem escrita: Dislexia. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygi; RIESGO Rudimar dos Santos (Org.). **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 132-144.

SEABRA, Alessandra Gotuzo et al. (Org.) **Inteligência e funções executivas: avanços e desafios para a avaliação neuropsicológica**. São Paulo: Memnon, 2014.

SEABRA, Alessandra G.; CAPOVILLA, Fernando C. **Alfabetização: método fônico**. 5. ed. São Paulo: Memnon, 2010.

SHASTRY, Barkur S. Developmental dyslexia: an update. **Journal of Human Genetics**, v. 52, n. 2, p. 104-109, 2007.

SILVA, Jéssica Letícia da; MELO, Samara Cavalcanti da. Dislexia e a Alfabetização: reflexões sobre as publicações em periódicos nacionais. **Revista Educação e (Trans)formação**, p. 114-130, dez. 2020.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização**: Alfabetização e letramento. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

TABAQUIM, Maria de Lourdes Merighi et al. Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 245, p. 131-146, abr. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/rWgXfPp7BPJqmz7JR7m9LBB/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 16 ago. 2022.